

A todos os Frades Menores da Ordem
A todas as Irmãs Pobres da Ordem de Santa Clara
Aos irmãos e amigos da nossa Ordem

Caros Irmãos e Irmãs, O Senhor lhes dê a paz!

Eu gostaria de entrar com vocês nos sentimentos de São Francisco, quando naquele Natal de 1223 satisfaz o inquieto impulso de encaminhar-se entre as rochas e os bosques em torno da vila de Greccio. Não sozinho, mas acompanhado pelos seus irmãos e por uma humanidade simples e pobre, feita de camponeses, de gente humilde. O que impulsionou Frei Francisco a viver aquele Natal foi o desejo irresistível de **ver** com os seus olhos a pobreza em que o Senhor Jesus quis nascer. E isto para **crer** que Ele – crucificado e ressuscitado – está presente, vivo e glorificado no Espírito Santo, escondido sob parca aparência de pão até o dia de seu retorno.

Clara viverá deste olhar estupefato e amoroso que nutre a sua fé e a concentra na pobreza de Jesus, desde o seu nascimento, ao longo de toda a sua vida, até à cruz. A vida de Clara é transformada e feita em tudo semelhante ao Crucificado pobre, juntamente com suas irmãs.

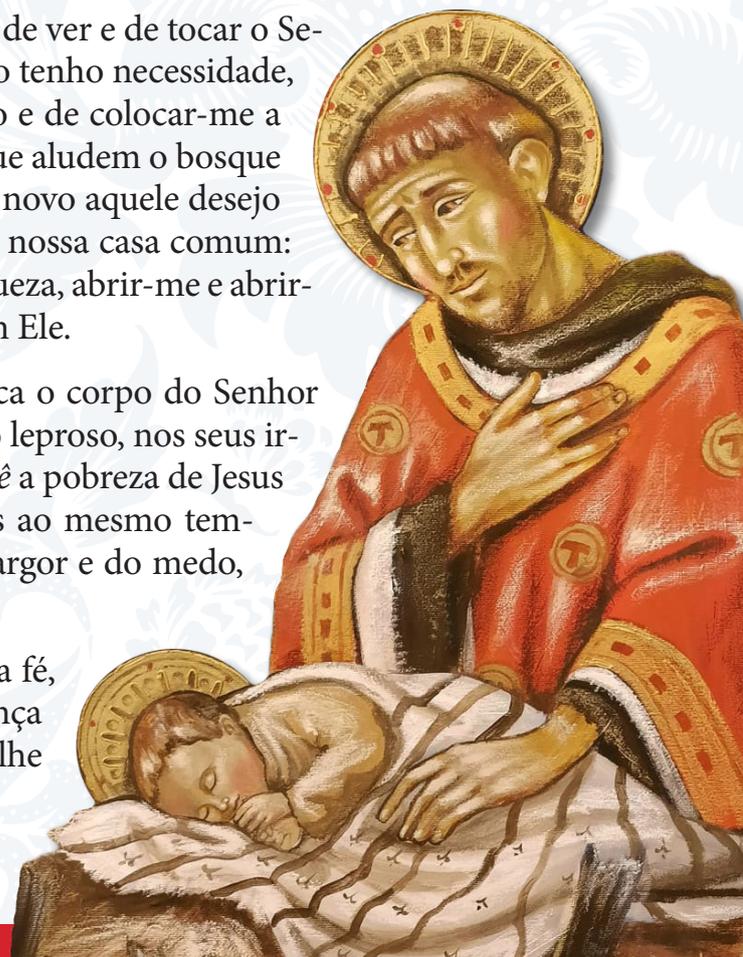
Ver e crer são dois verbos, sabemo-lo bem, centrais na vida de São Francisco.

Ver lembra-nos a “física” da fé de Francisco: não lhe basta pensar, mas ele quer ver com os olhos, tocar com as suas mãos, sentir o cheiro com o nariz, ouvir com seus ouvidos, degustar com a sua língua. Em suma, toda a sua pessoa, os seus sentidos, são colocados em movimento pelo desejo, por aquilo que mais profundamente o move. A fé é simplesmente vida para ele.

Pergunto-me se ainda tenho forte em mim o desejo de ver e de tocar o Senhor. Talvez outra coisa me move muito mais. Então tenho necessidade, como Francisco, de sair da minha zona de conforto e de colocar-me a caminho para um lugar diferente e talvez hostil, a que aludem o bosque e as rochas de Greccio. É aqui que posso escutar de novo aquele desejo que habita em mim, no gemido próprio da criação, nossa casa comum: *ver* o Senhor Jesus no mistério da sua pobreza e fraqueza, abrir-me e abrir-nos ainda no Espírito a um renovado encontro com Ele.

Francisco viveu este encontro de modo “físico”: toca o corpo do Senhor no Evangelho, lido e escutado a cada dia; ele o vê no leproso, nos seus irmãos, nos sacerdotes pobrezinhos, nos pecadores; *vê* a pobreza de Jesus no paradoxo da condição humana, magnífica, mas ao mesmo tempo destinada à morte. Finalmente libertado do amargor e do medo, olhou nos olhos esta fragilidade.

Do encontro com Jesus floresce para ele a alegria da fé, o olhar novo do homem ressuscitado que vê a presença de Deus em todas as criaturas e por isso o louva e lhe restitui todo bem.



Crer: a fé é acesa por aquele encontro que me tocou e deixou o seu sinal na carne da minha vida. O nosso crer individual nasce e é guardado pelo grande “sim” da fé da Igreja. É este o ato que aquele ver, aquele tocar e deixar-se alcançar realiza. Procuremos o eco deste “sim” mesmo na misteriosa viagem que, por caminhos diversos, tantas pessoas fazem em direção ao Mistério.

O *ver sem crer* poderia deixar a minha fé à mercê da emoção do momento.

Um *crer sem ver* poderia reduzir a fé a uma ideia que simplesmente não tem nada mais a ver com a minha vida e cai, mesmo quando exteriormente continuo a realizar os atos religiosos.

A alegria é o sinal que mostra que nossa fé ainda está viva; a tristeza e o lamento são a câmara de gás da fé que lentamente se narcotiza, perde o contato com a “física” da nossa carne, da vida e se torna só intelectual ou moralista. Ou desaparece.

Estejamos vigilantes, irmãos e irmãs benditos, porque isto pode acontecer também a nós e de fato acontece, quando: dou como garantida a fé e não cuido de modo criativo da vida de oração no silêncio e na contemplação, perco o contato com a palavra de Deus, deixo que a Eucaristia se torne uma rotina, não recorro alegremente ao Sacramento da Reconciliação, separo a fé da vida, não perdoo e não gasto a minha vida pelos outros, me distancio dos pobres e me adapto a uma vida cômoda e garantida.

Ver e crer, eis os passos de Francisco, desarmadores na sua simplicidade e profundidade.

Neste Natal de 2021, vivamos ainda a espera do Senhor que nutre a fé. Ele está presente no lusco-fusco deste tempo que nos pede escuta, discernimento e decisão:

- o medo difundido da pandemia que parece não ter fim e nos está modificando, inclusive o lugar que a ciência e a tecnologia ocupam como nunca e em nenhum lugar;
- a solidariedade que tantos colocaram em campo nesta emergência, como não pensávamos;
- o amontoar-se de tantos migrantes e refugiados em tantas fronteiras, com o senso de impotência que isto nos dá;
- os sinais concretos de acolhida e de abertura ao outro, pagando pessoalmente;
- o sofrimento de nossa irmã terra, arranhada pela fadiga de tantas mulheres, homens e crianças na sua dignidade física e moral;
- os sinais de resistência e de responsabilidade para com o futuro da nossa casa comum, sobretudo dos mais jovens;
- os focos de guerra, de terror e de repressão espalhados pelo mundo, tantos de que não se tem notícia;
- o trabalho silencioso de quem se torna de muitos modos operador e mediador de paz e de justiça.

Este elenco poderia continuar. Somos chamados a celebrar o Natal com os olhos capazes de ver esta realidade em nós e em torno de nós. Cada um, a partir de si mesmo, dê um passo em direção àquele bosque de Greccio entre as rochas para ver um Menino que nasce exatamente nesta realidade pobre.



Neste Natal, creio que sou e somos chamados a *ver e crer* em um mundo novo.

No-lo pede o tempo que vivemos, o qual termina com toda segurança, mesmo religiosa.

No-lo pede a própria dinâmica da fé, que é caminho, busca, adesão sempre renovada.

No-lo pede a nossa vida religiosa, que hoje exige uma profunda resignificação nos diferentes contextos em que vivemos no mundo.

No-lo pede também o medo que talvez ainda temos de Deus: recordemos que Ele nos dá tudo e não nos tira nada; oferece-nos a si mesmo como um pai que faz com seus filhos; revela-nos o seu rosto de misericórdia e de graça para que a nossa humanidade viva.

No-lo pede o fato de que hoje a fé perde sentido para a vida de tantas pessoas no mundo e frequentemente também para nós que escolhemos o seguimento do Senhor.

Francisco surpreende-nos como sempre e indica-nos a estrada que leva a Greccio, isto é, aos lugares remotos, distantes das grandes rotas, para redescobrir exatamente aí a possibilidade de um crer novo, rico também hoje de vida e de futuro, a buscar como peregrinos na noite.

O meu voto para este Natal de 2021 está todo aqui: que possamos abrir os olhos no Espírito Santo e crer no mistério da pobreza de Jesus e da sua Santíssima Mãe. E a partir destes “olhos espirituais” deixar reacender a chama da fé. Acesos pelo fogo do Espírito Santo, nós nos tornaremos sempre mais incandescentes contra todo imobilismo gélido do coração. Seremos assim, nas diversas partes do mundo que habitamos, aquele sinal profético que somos chamados a ser por vocação, presença de Cristo crucificado e ressuscitado para cada irmão e irmã que o Senhor nos permite encontrar.

Eis o sinal profético que Francisco e Clara foram no calor da sua fé, que foi busca humilde – e não sua posse – da Presença do Vivente em todas as criaturas.

Eis o sinal que podemos ser cada vez que não tivermos medo de ainda *ver e crer*.

*Bom Natal, irmãos e irmãs,
e recordemos uns aos outros o Senhor que vem.*



Seu irmão e servo

Fr. Máximo Fusarelli ofm

Fr. Máximo Fusarelli, ofm
Ministro Geral

